

# BREVE ABORDAGEM SOBRE PROVÉRBIOS ANGOLANOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE WHITNEY E HUMBOLDT

BRIEF APPROACH ON ANGOLAN SAYINGS FROM THE WHITNEY AND HUMBOLDT PERSPECTIVE

BREVE ENFOQUE SOBRE PROVERBIOS ANGOLANOS DESDE LA PERSPECTIVA DE WHITNEY Y HUMBOLDT

*Ezequiel Pedro José BERNARDO\**

**Resumo:** O presente artigo visa verificar nas abordagens dos livros “Linguagem, Literatura, Bildung” (HUMBOLDT, 2006) e “A Vida da Linguagem” (WHITNEY, 2010) aspectos que permitem a compreensão da língua num prisma social, bem como estabelecer uma relação da língua como os provérbios. Verifica-se que a visão de Whitney (2010) motivou uma reviravolta nos estudos da linguagem ao postular que a língua é uma instituição social, ela resulta da conexão de múltiplos itens lexicais que motivam as diferentes mudanças decorrentes de questões históricas que envolvem vontades e sentimentos dos indivíduos. Em Humboldt, a língua é vista como um processo, uma actividade (energia) e não um produto (ergon). Para este, a língua passa de geração em geração e da constituição no seu conjunto permite obter uma visão de mundo, de nação, do espírito do povo. De modo a concretizar o estudo, baseamo-nos em revisão bibliográfica. A concepção de língua apresentada por Whitney (2010) e Humboldt (2006) permite que a relacionamos com o uso dos provérbios como sendo práticas linguísticas e culturais de grupos situados.

**Palavras-chave:** Língua; Prática social; Whitney; Humboldt; Provérbios.

**Abstract:** The aim of this article is to verify in the approaches of the books “Language, Literature, Bildung” (HUMBOLDT, 2006) and “The Life of Language” (WHITNEY, 2010) some aspects that allow the understanding of the language in a social view, as well as to establish a language relationship like the sayings. It is seen that Whitney's (2010) view motivated a changing in language studies by postulating that language is a social institution, it results from the connection of multiple lexical items that motivate the different changes arising from historical issues involving wills and feelings of individuals. In Humboldt, language is seen as a process, an activity (energy) and not a product (ergon). For him, the language goes from generation to generation and the constitution in its whole allows us to obtain a vision of the world, of nation, of the spirit of the people. In order to carry out the study, we based it on bibliographic review. The

---

\* Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-graduação (CNPq). Membro do Grupo de Política Linguística Crítica. Docente da Universidade Onze de Novembro, em Cabinda-Angola. Contato: bindumuka@hotmail.com.

language conception presented by Whitney (2010) and Humboldt (2006) allows us to relate it to the use of proverbs as linguistic and cultural practices of situated groups.

**Keywords:** Language; Social practice; Whitney; Humboldt; Sayings.

**Resumen:** En el presente artículo se pretende verificar en los enfoques de los libros “Lengua, Literatura, Bildung” (HUMBOLDT, 2006) y “La Vida del Lenguaje” (WHITNEY, 2010) aspectos que permiten la comprensión de la lengua en un prisma social, así como establecer una relación de la lengua como los proverbios. Se observa que la visión de Whitney (2010) motivó un cambio en los estudios del lenguaje al postular que la lengua es una institución social, resultante de la conexión de múltiples ítems lexicales que motivan los diferentes cambios derivados de cuestiones históricas que envuelven voluntades y sentimientos de los individuos. Para Humboldt, la lengua es vista como un proceso, una actividad (energía) y no un producto (ergon). Para él, la lengua pasa de generación en generación y de la constitución en su conjunto permite obtener una visión de mundo, de nación, del espíritu del pueblo. Para realizar el estudio, nos basamos en una revisión bibliográfica. La concepción de lengua presentada por Whitney (2010) y Humboldt (2006) permite que la relacionamos con el uso de los proverbios como prácticas lingüísticas y culturales de grupos situados.

**Palabras clave:** Lengua; Práctica social; Whitney; Humboldt; Proverbios.

## Introdução

Desde os tempos remotos, a fala humana vem sendo abordada e discutida. Porém, muito antes de haver a língua escrita, houve as crenças que permanecem em muitas culturas, como é o caso de algumas comunidades em Angola onde a língua é vista como resultado das práticas sociais dos indivíduos. No milénio a.C., começou o estudo relacionado à língua, que teve início na Índia e na Grécia, e até hoje muitos destes em tradições contínuas e reciprocamente enriquecedora se estendem.

Reconhecemos que a abordagem da temática em voga, por nós proposta, é de tamanha complexidade, partindo dos pontos de vistas de Whitney e Humboldt<sup>1</sup>, autores da linguística moderna que serviram de incentivo à realização do presente artigo, que visa verificar nas abordagens dos livros Humboldt, “Linguagem, Literatura, Bildung” e “A vida da Linguagem” aspectos que permitam a compreensão da língua

---

<sup>1</sup> As referências a estes autores ao longo deste texto dizem respeito às obras publicadas em 2010 e 2006, respectivamente, com a descrição bibliográfica conforme consta nas Referências.

num prisma social. Whitney e Humboldt desenvolveram pensamentos na área da linguística que influenciaram nos desdobramentos da linguística do século XIX.

O presente ensaio surge na intenção de destacar as perspectivas de Whitney e Humboldt, no que tange à língua como resultado de prática social, da interpelação entre a língua e sua natureza social, uma vez que este binómio não pode estar separado, isto é, não se pode falar de língua sem indivíduos que caracterizam o social e como elemento de interações discursivas de comunidade. Neste prisma, pretende-se no presente ensaio estabelecer uma relação com os provérbios, visto que eles exprimem a língua, a cultura e a forma de ver o mundo. Os provérbios são parte do léxico da língua e são de uso frequente nas diversas esferas da vida social.

Face aos pontos subjacentes, o ensaio começará por abordar os aspectos tendentes ao percurso históricos de Whitney e Humboldt procurará descrever a visão de Whitney, no que se refere à língua como resultado de prática social. Todavia, ainda será esboçada uma resenha sobre a perspectiva de Humboldt no que se refere à língua como uma actividade e não como um produto e, por último, tratar-se-á de estabelecer uma relação sobre a língua, defendida pelos autores em estudo e os provérbios em Kikongo por espelharem a língua e a cultura de um determinado povo.

Assim, perceber a relação existente entre indivíduo e língua envolve conhecer a interligação com as culturas e as práticas sociais de comunidades situadas onde “a linguagem se desenvolve socialmente e o homem apenas compreende a si mesmo mediante tentativas de testar a compreensibilidade de suas palavras com outros” (HUMBOLDT, 2006, p.131-133).

### **Breve panorama histórico de William Dwight Whitney e Wilhem von Humboldt**

A visão sobre a língua como produto da vontade dos indivíduos, os quais, de acordo com as necessidades, podiam ser adaptados aos elementos de circunstâncias de uso é concebida por William Dwight Whitney, que sustenta ainda que a língua resulta da associação de vários itens lexicais que dão origem às diferentes mudanças advindas de

questões históricas, vontade e sentimento dos indivíduos, sendo estes agentes sociais.

O influente linguista, filólogo e lexicógrafo americano William Dwight Whitney viveu entre (1827-1894), estudou em Yela (EUA), tendo posteriormente frequentado o curso na Universidade de Berlim onde se tornou aluno de Franz Bopp. De retorno aos Estados Unidos da América (EUA), tornou-se professor e conhecido pelo seu trabalho em sânscrito em Yela, tendo escrito uma gramática da referida língua. Destacado como pioneiro nos estudos das línguas indígenas da América do Norte e também considerado um dos pensadores do século XIX a se ocupar de questões relacionadas à linguagem, suas abordagens publicadas no livro “The life and growth of language”, despertou a atenção a Saussure, o que o levou a desenvolver certas críticas a Whitney. Tornou-se influente com a obra publicada em 1870, “The principles and the life of language”, na qual apresenta uma visão das línguas como instituição social. Esta sua maneira de descrever a língua é a que nos motivou a estudá-lo no presente trabalho.

O carácter interdisciplinar de Wilhem von Humboldt fez com que fosse considerado um dos pensadores originais do século XIX, uma vez que suas pesquisas foram desenvolvidas nas diferentes áreas do saber, permitindo a expansão do conhecimento acerca da língua; aborda, ainda, com realce, aspectos relacionados à forma, aos sentidos, às funções e à natureza das línguas. Suas teorias criticam estudos reducionistas que tendiam a desarticular a língua.

O linguista, o filósofo, o educador e político, fundador da Universidade de Berlim em 1810 com uma perspectiva humanista na educação, Wilhem von Humboldt, nasceu em Petsdam e viveu entre (1767-1835), estudou Direito e centrou seus estudos nas áreas acima mencionadas. Defensor da teoria de que a habilidade de toda humanidade resulta da linguagem, reforça que a mente humana é que responsabiliza-se na criação de palavras e a gramática. Esta sua posição discordava das abordagens dos filósofos gregos e latinos que defendiam tratar-se de um processo externo à mente. Participou da Revolução Francesa ocorrida em 1789, bem como nas guerras napoleônicas, guerras franco-prussianas. Participou da constituição do governo prussiano e da fundação de várias Universidades. A envoltura investigativa de Wilhem von Humboldt no campo da linguagem foi apoiada pelo seu irmão Alexander von Humboldt que, durante suas

viagens de trabalho, resolvia recolher informações que permitissem os estudos em linguística de seu irmão. Obteve dados de um universo variado de línguas e seus respectivos dialectos. Wilhem von Humboldt afina-se no campo da linguística em 1819, altura em que resolve distanciar-se do campo político (HUMBOLDT, 2004; SEUREN, 1998 *apud* SEVERO, s/d, p. 1, FISCHER, 2009, p. 201).

### **Whitney numa vertente social da língua**

A actuação do falante sobre processos linguísticos a que os indivíduos são alvo diz respeito às considerações de Whitney sobre a natureza da linguagem. Adianta realçar que a valorização do falante não implicava a que o autor concebesse o indivíduo como um portador da língua ou que este estivesse apto a criar intencionalmente formas linguísticas e de alterar as já existentes. Para o autor, a língua é vista como uma prática social e não individual. No entanto, para este, as mudanças ocorridas numa determinada língua derivaria de acordo estabelecido entre os indivíduos afectos à comunidade em questão. O processo de adesão lexical na língua estava dependente do número de usuários, tanto que nenhum indivíduo gozava de autonomia de alterar a língua, porque tudo o que se desenvolvia era efectuado em consonância com a comunidade. Desta forma, percebe-se que Whitney compreendia que não existe comunidade linguística sem os indivíduos que a constituem, os agentes e/ou actores no processo de transmissão, difusão e preservação de uma língua.

O pensamento de Whitney sobre a língua se encaixa na noção de *facto social*, sua definição permite a emergência do actor social que é o responsável por sua conservação, inovação e propagação. Discute-se, além disso, a dualidade indivíduo *versus* membro da sociedade presente nas teorizações do autor; realça-se o facto de a língua como elemento da natureza social ter como possuidor o membro da sociedade; e levanta-se a hipótese da natureza indistinta dos elementos língua e fala nas teorizações do autor (MARRA; MILANI, 2013, p. 130).

A cultura e o desenvolvimento do conhecimento humano relacionados à forma de falar de cada indivíduo deve ser preocupação da história da língua que acompanharia o desenvolvimento das

instituições humanas, sendo esta a fornecedora de signos para o estabelecimento de novas ideias. A língua permite a perpetuação das tradições possibilitando, desta forma, as memórias das gerações seguintes. Estas relações permitem que se estendam os vínculos das comunidades. A cultura de qualquer povo exerce sua influência na língua e qualquer tendência de implementação de outra língua em qualquer Estado ou Nação a fim de ser oficializada provoca um esforço maior na compreensão, exigiria um pensamento redobrado, o que não aconteceria se fosse na língua materna. O uso de nova língua deixaria visíveis lacunas no exercício das faculdades do indivíduo. Este facto permite que percebamos que as línguas maternas expressam a cultura de um povo bem como seu desenvolvimento e que a implementação de mudanças linguísticas abrupta provoca situações desastrosas à própria língua e a seus usuários. Para Whitney (2010, p. 36), o processo de implementação de outra língua altera a forma dos hábitos mentais, nas ideias, sendo obrigados a adaptarem-se a novos modelos o que acaba por não espelhar a sua própria visão de mundo devido ao esgotamento da forma de pensar, que não é possível ser convertido em outra língua.

Assim, percebe-se que existe uma relação entre o indivíduo e a sua língua, o que Whitney, nas suas abordagens descreve como recurso particular do indivíduo, em que cada um é “singelo pensador e só fala como pensa”, (2010, p. 36), isto é, a fala é resultado do pensamento. Whitney acrescenta ainda que toda língua viva está em formação e é alvo de mudanças constantes; independentemente do lugar em que for usada, ela apresentará formas próprias de uso concreto por parte dos falantes e vai sofrendo alterações de acordo com as práticas de seus usuários/falantes

Nestes moldes, compreende-se que a língua do indivíduo jamais será individual, mas social. Tudo resulta da relação que se estabelece com os membros da sua comunidade, ou seja, o indivíduo não cria sua língua mas a adquire a partir da convivência e socialização com outros indivíduos com os quais se relaciona. Saussure (2016, p. 36) destaca esta perspectiva de Whitney, segundo a qual “a língua [é vista] como produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos”.

As alterações que se podem verificar nas línguas são resultados de mudanças que os indivíduos vão efectuando “independentemente da sua origem, fala indiferentemente a língua que lhe foi ensinado na sua infância” (WHITNEY, 2016, p. 246). Whitney faz saber que as

diferenças que se podem notar na linguagem de cada indivíduo resultam da influência de uma outra língua, mas não se deve

[...] negar seu valor como monumento capaz de servir à história, mesmo a história da raça; significa apenas fundar este valor numa base justa, confessar que há limites que não podemos ultrapassar e reconhecê-los, se quisermos nos servir de forma proveitosa do testemunho linguístico. Não é menos verdade, de modo geral, que a língua e a raça formam um todo, pois todo o ser humano aprende comumente a língua com seus pais ou aqueles que são do mesmo sangue que ele e que as exceções a essa regra acontecem sob a mais completa luz da história (WHITNEY, 2016, p. 246).

Com esta citação, percebe-se que Whitney estabelece uma relação profunda entre indivíduo, língua e história, isto é, a língua está interrelacionada à história dos seres humanos e, por esta razão, é estudada como facto sócio-histórico. Paul (1891), no seu livro “Language and the Study of Language”, ao estabelecer relação existente entre língua e indivíduo, reforça a ideia que Whitney defende. Este, para sua diferenciação, procurou usar as terminologias língua individual, línguas individuais e língua do indivíduo que foi descrita da seguinte forma:

Na formação da língua de um indivíduo, as línguas circundantes mantêm sua participação até o fim. No entanto, pode ser que essas línguas exerçam mais influência nos primeiros anos da língua em questão e diminua à medida que esta se desenvolve [...]. Na formação da língua de um indivíduo, as línguas de uma grande quantidade de outros indivíduos estão envolvidas; na verdade, de todos com quem ele tenha, no curso de sua vida, tido contato linguístico, embora, naturalmente, em diferentes graus (PAUL, 1891 [1880], p. 23 *apud* MARRA; MILANI, 2013, p. 140).

Percebe-se, deste modo, que a relação que se estabelece com os indivíduos falantes de uma outra língua acaba por exercer influência na aquisição linguística de outros falantes. Todavia, adianta salientar que a língua do indivíduo resulta da constituição da língua dos indivíduos à sua volta. Retomando Whitney (2010, p. 243), verificaremos que uma dada língua ou uma família de línguas deixa de existir somente se a

sociedade a que pertence for destruída, o que pode implicar também o que a língua passa como tradicional.

### **Humboldt numa vertente social da língua**

O carácter energético da língua faz parte do pensamento humboldiniano, em que defende que “a língua não é uma obra (ergon), mas uma actividade (energia). Esta descoberta do carácter energético da língua não deixa de ser estimulante contra as tendências de aprisiona-la com normas prescrições” (HUMBOLDT, 2006, p. XXVIII).

Debruçar-se sobre a língua na perspectiva humboldiniana implica o envolvimento dos elementos que se relacionam à vida de uma Nação, isto é, o local, constituição do estado, a moral e os costumes. O sopro, para este autor, é o elemento diverso dos acima mencionados; este é considerado a alma da Nação, o que promove a investigação num círculo contínuo, implica a existência de um actor ou receptor. Deste modo, torna-se impossível falar de uma Nação sem que se tenha em atenção a língua que a caracteriza, na sua íntegra, como veículo de entendimento do povo que coloca em termo as individualidades e ou acções particulares em busca de visibilidade do geral. Humboldt (2006) defende que

Será inútil qualquer abordagem das características nacionais que não a utilize como ferramenta de trabalho, pois é apenas na língua que se mostra por completo o carácter, e é nela também, enquanto veículo geral do entendimento do povo, que sucumbem as individualidades particulares, em prol da maior visibilidade do geral (HUMBOLDT, 2006, p. 3).

Humboldt afirma que a transformação do carácter individual da língua se torna carácter de um povo se se tiver em atenção a relação estabelecida entre a ancestralidade e a língua. Sem que haja um povo resultado da língua a ancestralidade fica sem efeito. O que se observa é que a forma de falar do indivíduo espelha o seu passado, o meio que lhe circundou. Qualquer falante nativo de uma língua consegue estabelecer vínculo com o pensamento de demais falantes. Entretanto, as situações linguísticas que envolvem o indivíduo diante de um exercício do pensamento abstracto acabam percebendo do que se trata, isto é, alcança

o ideal estético na situação comunicativa estabelecida. Ainda para o autor:

A língua é também um instrumento mais propício para se aprender o carácter, um meio entre o facto e a ideia, e tendo sido ela formada por princípios gerais e vagamente percebidos como tais, e também composta em sua maior parte de um repertório já disponível, ela fornece não apenas recurso para o cotejo de várias nações (HUMBOLDT, 2006, p. 5).

Na concepção de Humboldt existem dois mundos que agem no indivíduo – o externo, denominado aparente, e o interno. Ambos agem em nós e tornam a língua um mundo situado. O processo de entendimento dos membros de uma comunidade se dá por via da convenção em que a língua afinca-se. “É por isso que o estudo da língua, para além do uso da língua em si, ensina também a analogia entre o homem e o mundo, em geral, e cada nação, em particular, a qual se expressa na língua” (HUMBOLDT, 2006, p. 9).

É de destacar que a língua está sempre a serviço do homem, isto é, ela fica à disposição do espírito da Nação, é flexível, de um modo, em função das necessidades que a Nação tiver para a reflexão e o pensamento abstracto. Esta forma de ver o mundo aproxima os falantes do contacto com outros povos. Assim, o indivíduo vive vinculado a uma totalidade, estabelece relação com outros indivíduos que constituem a Nação e/ou grupo a que a Nação pertence. E a língua ali estará ao serviço do povo, da cultura e dá asas ao desenvolvimento espiritual. “A língua é sempre uma exaltação do espírito de uma vida individualmente nacional, então esses dois lados hão-de estar presentes nela” (HUMBOLDT, 2006, p. 107).

A língua pode ser vista no prisma da individualidade e da colectividade, isto é, o pertencimento do indivíduo a um determinado grupo, a língua como prática colectiva. Todavia, a expressão de uma individualidade caracteriza a língua *individual* e o pertencimento deste indivíduo a um grupo envolvendo suas aspirações diz respeito ao *colectivo*. O que implica dizer que muitas das acções partem do colectivo para o individual em actividades distintas. Assim, fica visível que são as nações que criam a língua, visto que tem uma estreita relação com a natureza interna do homem e a forma de ser e estar do povo é obra de sua língua.

Humboldt afirma ainda que a necessidade do ser humano falar descende de toda a Nação; a cultura de cada língua depende da disposição e destinos particulares, e repousa, em sua maior parte, sobre os indivíduos que vão surgindo na Nação aos poucos, refere-se ao organismo das línguas. Tal envolve a fisiologia do ser humano intelectual, e a formação faz parte da série de desenvolvimento histórico (HUMBOLDT, 2006).

### **Língua como prática social em Whitney e Humboldt e relação com provérbios**

A uniformidade que Whitney e Humboldt apresentam no que se refere à língua permitiu-nos estabelecer uma relação com os provérbios. Os provérbios são práticos linguísticos de grupos socialmente situados. Nesta perspectiva, procurar-se-á descrever a relação que se estabelece entre a língua, a cultura e a comunidade, isto no que refere ao uso dos provérbios.

As sociedades africanas em geral, e em particular a angolana, são caracterizadas, essencialmente, por pertencer à tradição oral. Esta maneira própria que integra as comunidades e os indivíduos constitui a identidade individual e coletiva e preserva as tradições e a sabedoria do povo. Este processo só se torna efetivo por meio da língua, é ela que permite a sua veiculação de geração em geração pelo seu caráter dinâmico da língua. Desse modo, a língua é veículo de práticas culturais que envolvem os provérbios, as lendas, as anedotas etc., inclusos na oratura. “A língua é o impulso absolutamente individual mediante o qual uma nação faz valer, através da língua, seu pensamento, sentimento” (HUMBOLDT, 2006, p. 105).

Qualquer língua é em si um fenómeno popular, para além de ela ter função de registar e transmitir todas as actividades de um povo. A linguagem popular reflecte história, cultura e costume de um povo, por isso, através de uma língua, podemos compreender todos os aspetos de um povo. Podemos confirmar que a cultura popular faz parte de uma língua (TIAN ZHAOYUAN, 2009, p. 197 *apud* LIU, 2012, p. 23).

O provérbio faz parte da cultura oral do povo, constitui um fenómeno popular, preserva a história e identidade de uma determinada comunidade linguística. Adianta salientar que quando nos debruçamos

sobre cultura popular implica a envolvimento da cultura tradicional, que conserva os traços e/ou vestígios históricos nos quais se reflecte o pensamento do povo ao longo dos tempos. Ela aglutina as funções culturais e sociais que envolvem conhecimentos quer materiais quer espirituais.

Os provérbios caracterizam o costume popular e sua respectiva linguagem, porque são de uso frequente em encontros de comunidades e resultam de interações, além de que a variedade da cultura popular, no que tange os costumes populares, é construída por meio da língua.

Esta maneira de ver os provérbios pode ser associada às questões relacionadas à língua defendida por Whitney (2010) de que não se pode negar a língua como preservador da história tendo a língua e a raça em inter-relação, pois eles constituem um todo. Assim, a língua caracteriza um grupo de falantes e esta preserva a história deste grupo.

Humboldt tende a defender a mesma linhagem ao sustentar que a língua é um mundo situado no espaço intermediário entre o mundo externo, aparente, e o mundo interno, que age em nós. “[...] O estudo da língua, para além do uso da língua em si, ensina também a analogia entre o homem e o mundo, em geral, e cada nação, em particular, a qual se expressa a língua” (HUMBOLDT, 2006, p. 9). Esta visão permite que relacionemos os provérbios e a cultura, porque apresentam elementos indissociáveis, uma vez que os provérbios exprimem sentimentos de forma colectiva e tradicional que se incorporam na língua. Constituem enunciados com carga conotativa e servem de recurso de linguagem aplicado com diferente finalidade.

Nesta perspectiva de abordagem, recorreremos a Xatara e Succi (2008) *apud* Santos (2012, p. 4), que descrevem provérbios populares da seguinte maneira:

[...] provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA; SUCCI, 2008, p. 35).

Ora, pensar a língua como prática social de grupo situado, defendida por Whitney e Humboldt a que pensamos existir uma relação entre ambos em alguns aspectos, permite relacioná-la, a nosso ver, com

realidade africana e, de forma particular, com a realidade angolana, que utiliza os provérbios no dia-a-dia para diversas finalidades comunicativas.

De modos a elucidar melhor o uso dos provérbios na realidade angolana, trazemos dois provérbios que espelham suas finalidades. Assim, usaremos a tradução literal que para nós não se usa por não descrever o que se pretende com o provérbio, por isso, de seguida far-se-á a apresentação da lição moral.

***Provérbio 1: Nlangu ma lamba ngola ukala yandi.***

*Tradução literal:* água cozeu bagre que vive com ele.

*Lição moral:* Devemos ter muito cuidado com as amizades, pois muitas decepções surgem daqueles que menos esperamos (amigos); aquele que partilha connosco, divide o mesmo quarto, partilhamos a mesma toalha, comida, talheres é que pode um dia nos trair. Não devemos esquecer que Judas amigos de Jesus é quem conseguiu traí-lo.

***Provérbio 2: Nkulo nfwá; nkulo nvingana.***

*Tradução literal:* velho morre; velho se torna.

*Lição moral:* “É importante que os mais jovens recorram aos anciãos de modos a que se transmita e se preserve a oratura, nela está a essência do nosso povo, pois ninguém sabe o dia de amanhã, o mais velho morre mas as palavras ficam nos mais novos.

Muitas informações nos grupos situados funcionam por meio do provérbio e quem não tem domínio deste fica sem perceber o assunto. Eles constituem discursos que preservam a identidade de povos. Assim, procuramos estabelecer uma ligação com as ideias de Humboldt (2006) quando este sustenta que a ancestralidade e a língua são dois factores que revelam o carácter do indivíduo e do povo. E com as ideias defendidas por Whitney (2010) quando afirma que uma dada língua ou uma família de línguas deixa de existir somente se a sociedade a que pertence for destruída, o que pode implicar também o que a língua passa como tradicional.

## **Finalizando**

Os linguistas Whitney e Humboldt, a quem nos propusemos apresentar no presente ensaio e cujas abordagens no século XIX proporcionaram um outro alento aos estudos da língua(gem), foram por nós relacionados, em suas visões, com os provérbios neste estudo. Quer Whitney, quer Humboldt, a nosso ver, convergem nas suas ideias de defesa da língua como prática social, que envolve uma Nação e o indivíduo. Assim, esta concepção da língua tem uma relação com os provérbios africanos, e em particular angolanos, pois os provérbios expressam as práticas sociais e culturais de grupos situados. Os provérbios preservam a história e identidade linguística e social dos indivíduos, uma vez que preservam a cultura, a forma comunicativa e de identidade da comunidade.

## **Referências**

FISCHER, Steven Roger. **Uma breve história da linguagem**. São Paulo: Novo Século, 2009.

HUMBOLDT, William. **Linguagem, Literatura, Bildung**. Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

LIU, Mengru. **Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês**. 2012, 125 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) - Universidade do Minho, Largo do Paço, 2012. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24055/1/LIU%20Mengru>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Reflexões acerca do conceito de língua como uma instituição social em William Dwight Whitney. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 46, p. 129-147, jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/inde>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

MILANI, Sebastião Elias. **Wilhelm Von Humboldt e o Conceito de Gerações**. 2013. Disponível em: <[http://labolinggo.letras.ufg.br/up/437/o/publicacoes\\_\\_wilhelm.pdf](http://labolinggo.letras.ufg.br/up/437/o/publicacoes__wilhelm.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2018.

SANTOS, Ana Paula Gonçalves, Análise da Escolha Lexical no Estudo de Provérbios em LDP. **Anais do SIELP**, Uberlândia, v. 2, n. 1, s./p. 2012. Disponível em: <[www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/.../volume\\_2\\_artigo\\_024](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/.../volume_2_artigo_024)>. Acesso em: 03 jan. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultix, 2016.

SEVERO, Cristine Gorski. **Humboldt e a relação entre linguagem, ser humano e mundo: uma visão holística**. s./d. Disponível em: <[www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02rlch\\_cgs.php](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02rlch_cgs.php)>. Acesso em: 12 dez. 2016.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. Revisitando o Conceito de Provérbio. **Revista de Estudos Linguísticos: Veredas**, Juiz de Fora, v. 12, n. 01, p. 33-48, jan./um. 2012. Disponível em: <[www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31](http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31)>. Acesso em: 3 jan. 2017.

WHITNEY, Willian Dwight. **A vida da linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

*Recebido em: 07/03/2018*

*Aceito em: 28/05/2018*